



# QUESTÕES SOBRE O CORPO NA AQUISIÇÃO E NA CLÍNICA DE LINGUAGEM

QUESTIONS ABOUT THE BODY  
IN THE ACQUISITION AND CLINIC OF LANGUAGE

Danielle Pinheiro Carvalho Oliveira<sup>1</sup>  
Melissa Catrini<sup>2</sup>  
*Universidade Federal da Bahia*

**Resumo:** Sabe-se que “corpo” é conceito assumido a partir de diferentes posições interpretativas e que à linguagem, à criança e à relação da criança com a linguagem são reservados vários pontos de vista teórico-epistemológicos. Assim, este trabalho à luz do Interacionismo em Aquisição de Linguagem (DE LEMOS, 2002, 2006) e da Clínica de Linguagem, como proposta por pesquisadores do LAEL/PUC-SP, tem como objetivo refletir sobre o corpo na aquisição de linguagem, buscando compreender seu modo de presença nessa área e seus reflexos na configuração de uma Clínica de Linguagem. Esse trabalho reforça a necessidade de problematizar a relação entre aquisição de linguagem e a clínica fonoaudiológica, assim como busca promover uma reflexão acerca do corpo biológico e do *corpo pulsional*, articulado na e pela linguagem, levantando, assim, questões sobre a criança e o funcionamento linguístico/discursivo.

Palavras-Chave: Corpo; Aquisição de linguagem; Clínica de linguagem.

<sup>1</sup> E-mail: danepcarvalho@gmail.com.

<sup>2</sup> E-mail: mecatrini@gmail.com.

---

**Abstract:** *It is known that "body" is a concept assumed from different interpretive positions and that to language, the child and the relationship of the child with language several theoretical viewpoints-epistemological are reserved. Thus, this work in light of the interactionism in language acquisition (DE LEMOS, 2002, 2006) and language clinic, as proposed by researchers of the LAEL/PUC-SP, aims to reflect on the body in the acquisition of language, seeking to understand its way of presence in this area and its reflections in the configuration of a Language Clinic. This work reinforces the necessity of problematizing the relationship between language acquisition and language therapy clinic, as much as it seeks to promote a reflection on the biological body and the "pulsional body", articulated in and by language, thus raising questions about the child and linguistic/discursive operation.*

Keywords: *Body; Language acquisition; Language clinic.*

Este trabalho configura-se como um estudo de natureza teórica, que foi mobilizado por questões pertinentes ao campo da clínica relacionada às patologias de linguagem e se propõe a pensar sobre o fazer clínico nesta área a partir da noção de corpo como eixo-problema a movimentar a teoria. Vale destacar, de início, que o que se registra aqui é uma reflexão de natureza exploratória, a qual segue na direção de dar destaque à relação entre corpo e linguagem, seu modo de presença nos estudos em aquisição de linguagem e seus efeitos sobre a clínica de linguagem.

Propomos um diálogo com a linguística a partir da área de aquisição de linguagem, levando em consideração que assumir uma perspectiva teórico-epistemológica implica mudanças no modo como proceder diante de um ponto de partida. No presente trabalho, partimos do reconhecimento de que as manifestações sintomáticas de fala/escrita colocam em evidência o corpo em sua íntima relação com a linguagem, e de que é no âmbito dos estudos em aquisição de linguagem que o modo pelo qual o corpo se enlaça ou é enlaçado na/pela linguagem se torna uma questão.

Núbia Faria, em sua tese de doutorado (2001) e mais tarde em artigo científico (2005), ambos nomeados *A difícil aritmética do corpo e da linguagem: reflexões sobre o input e a aquisição de linguagem*, volta-se para o estudo da noção de *input* na perspectiva inatista e com esse passo encontra o corpo biologicamente herdado. Acompanhamos as discussões dessa autora que, ao assumir o ideal de radicalização da relação homem/linguagem advogado por Cláudia de Lemos e o posicionamento questionador de Noam Chomsky, coloca luz sobre a problemática envolvida no lugar dado ao corpo em duas vertentes de estudos em aquisição de linguagem - a saber, a corrente empirista e a racionalista.

---

Faria (2001, 2005) revisita a teoria de tradição behaviorista no campo da aquisição de linguagem e nos chama atenção para o fato de que, nessa linha, Skinner propõe uma teoria não sobre a linguagem, mas sobre o comportamento verbal (fala). De fato, para o autor, linguagem é mais um comportamento aprendido, ou melhor, um hábito formado pela via do condicionamento e que por isso está submetido às leis de aprendizagem que recaem sobre o corpo. Sob tal perspectiva, refere Faria (2005, p.75), a linguagem é “(...) apagada enquanto *estrutura autônoma*, restando tão somente um elenco de respostas incorporadas a um repertório físico de comportamentos”. Nesse caminho, a operação teórica de apagamento da linguagem ocorre em favor da presença de uma noção de corpo como pura matéria orgânica. É nesse sentido que Faria (2005) faz uso da lógica aritmética como metáfora para ilustrar que no behaviorismo o que se lê é “corpo menos linguagem”.

Já na abordagem gerativista de Chomsky, Faria vislumbra que o resgate de uma perspectiva autônoma para o linguístico permite ver uma importante inversão desse raciocínio sobre o par corpo e linguagem. Isso porque, aponta a autora, ao reconhecer a natureza estrutural e autônoma da linguagem, Chomsky introduz a concepção de “representação mental da gramática da língua” (FARIA, 2005, p.76) como algo próprio do homem, e propõe pensá-la enquanto um saber inato que está alocado no cérebro de todo indivíduo da espécie humana. Neste caso, Faria reconhece uma operação de soma: há corpo mais linguagem.

Como se vê, na proposta chomskiana, a introdução da biologia se dá com a afirmação de que a estrutura linguística é ao mesmo tempo autônoma e orgânica. A aproximação com a psicologia existe e é promovida no momento em que Chomsky dá “ênfase à possibilidade de, através do estudo da linguagem, pensado enquanto representação mental da gramática da língua, se chegar a um conhecimento maior sobre a estrutura da mente humana” (FARIA, 2005, p. 76). Tal aproximação, no entanto, não contradiz o caráter biolinguístico da proposta, uma vez que mente e cérebro são expressão de uma mesma instância. É o que se lê na definição de linguagem apresentada por Chomsky no volume I da Revista *Biolinguistics*:

[...] [a linguagem é] um estado do *sistema computacional da mente/cérebro* que gera expressões estruturadas, cada qual [podendo] ser considerada um conjunto de instruções para os sistemas de interface dentro dos quais a

---

faculdade da linguagem está incorporada (CHOMSKY, 2007, p, 14. tradução e grifos nossos)<sup>3</sup>.

Outro ponto importante a ser destacado na citação acima é que, enquanto um estado do sistema computacional da mente/cérebro, a linguagem encontra-se articulada a outros componentes de uma arquitetura neurofuncional mais ampla, estando incorporada ao que Chomsky chama de sistemas de interface. Segundo Lopes, que resume bem a definição chomskiana de linguagem,

(...) a Faculdade da Linguagem é um componente da mente dedicado à linguagem; um componente que interage com outros sistemas, sendo específico à linguagem, mas não às línguas particulares; é comum à espécie e, portanto, uma dotação genética da espécie; finalmente, é composta de dois componentes: o sistema cognitivo e sistemas de performance com os quais interage através dos níveis de representação linguística nas interfaces que estabelece. (LOPES, 1999, p. 84).

Para De Lemos (1999, p. 43), pensar em termos de interface marca o deslocamento da “questão da representação [da língua] da teoria linguística para o domínio biológico”, uma vez que interface diz respeito tanto à organização interna da linguagem (interfaces entre componentes linguísticos) quanto aos sistemas que lhe são externos. Deve-se enfatizar que, estando incorporada à ampla arquitetura da mente/cérebro, a interação da linguagem com os sistemas que lhes são externos (a exemplo do sistema sensorio-motor) impõe condições para a sua realização de maneira satisfatória no desempenho do falante. Note-se que ao posicionar a linguagem no corpo (mente/cérebro), Chomsky torna-a essencialmente orgânica, submetendo-a a processos vitais, próprios do organismo. A esse respeito, Faria (2005) refere que ao convocar o organismo a partir da biologia, Chomsky convoca os limites que o raciocínio biológico confere à sua articulação com questões de natureza propriamente simbólica, como é o caso da estrutura da Gramática Universal.

No campo da aquisição de linguagem, o conceito de interface e o lugar dos sistemas externos na teoria inatista mobilizou questões relativas ao papel desses sistemas na relação da criança com o *input* (DE LEMOS, 1999; LOPES, 1995). Mais do que isso, abriu espaço para a presença de diferentes concepções

---

<sup>3</sup> (...) a state of the computational system of the mind/brain that generates structured expressions, each of which can be taken to be a set of instructions for the interface systems within which the faculty of language is embedded.

---

de criança nos estudos aquisicionistas, dentre as quais De Lemos (1999, p. 47) destaca quatro: (1) “a criança como detentora do conhecimento prévio”; (2) “aquela que precisa de estratégias de seleção de gramáticas para chegar à língua de sua comunidade”; (3) “a criança que devido ao caráter imprevisível do *input* somente poderia reconhecer gramáticas que lhe estivessem disponíveis a partir de enunciados simples”; e (4) “a criança que depende de maior grau de visibilidade para atingir aquilo que não se dá a ver a partir do seu conhecimento gramatical prévio”. A primeira e a segunda concepções de criança estão representadas no próprio modelo teórico chomskiano que admite a existência de um sistema/método inato de seleção de gramáticas. Já a terceira e quarta concepções remetem ao que “há de contingente no *input* enquanto uso da língua por quem fala à criança” (DE LEMOS, 1999, p. 46), isto é, a aquilo que aponta para a impossibilidade de se prever ou controlar o que será dito à criança. Nesse ponto, surgem como questão as restrições impostas às formas gramaticais e ao conhecimento com o qual, supõe-se, o organismo infantil venha equipado. Abre-se, assim, caminho para hipóteses de caráter mais instrutivo, isto é, que preveem a estruturação do organismo a partir do meio exterior (LOPES, 1995; 1999).

Diante desse cenário, Chomsky busca adequação explicativa para o modelo gerativista e, nesse passo, nos chama a atenção que ele tenha atribuído à faculdade da linguagem (a Gramática Universal) a função de mapear a experiência linguística (o *input*) e que, com esse gesto, tenha retirado a criança de cena. No jogo aritmético proposto por Faria (2005), temos por fim o retorno à operação de subtração, mas esse retorno vem acompanhado da inversão da ordem dos elementos do cálculo. As transformações impostas pela busca de adequação explicativa para a teoria promoveram um distanciamento da experiência e do corpo biológico e estabeleceram uma relação em que há linguagem menos corpo. Para Faria (2005, p. 79), resta fazer uma pergunta a respeito da proposta inatista: “sem um corpo suposto, como pensar em uma língua humana?”.

Terá sido esse um dos questionamentos a mobilizar o abandono da teoria chomskiana por parte considerável dos pesquisadores de aquisição de linguagem na década de 1970? Bem, para discutirmos de forma mais clara essa questão é preciso nos aproximarmos um pouco mais da história dos estudos em aquisição de linguagem.

---

Como vimos anteriormente, Chomsky insere a linguagem no corpo, estabelecendo uma somatória (corpo + linguagem). De acordo com Faria (2005), esse ato teórico teve efeito imediato sobre os psicolinguistas que, em grande parte, abandonaram o ideal behaviorista e assumiram a proposta racionalista e inatista. No entanto, de acordo com Maria Teresa Lemos (1995), esse movimento veio acompanhado de um equívoco de leitura por parte dos pesquisadores “convertidos” ao inatismo. O equívoco, segundo a autora, foi o de supor uma demanda por parte da linguística chomskiana de uma escrita da gramática da criança ou, mais precisamente, de se buscar como meta os universais linguísticos propostos pela teoria a partir da análise da fala de crianças em diferentes línguas. Note-se que o caráter lógico-dedutivo da teoria chomskiana e o posterior descarte da criança real não retiraram os estudos inatistas em aquisição de linguagem de uma posição paradoxal diante da teoria. A insistência em olhar para dados de produções verbais infantis e lhes impor categorias gramaticais (DE LEMOS, 1982) desconsiderou o fato de que na teoria chomskiana a criança teve natureza epistemológica e biológica, mas nunca empírica (LOPES, 1995).

Por outro lado, mesmo que Chomsky tenha descartado a criança real e definido a aquisição como instantânea, é preciso considerar que a referência à Gramática Universal (GU) como o estágio inicial da aquisição de linguagem e seu produto como a estabilização de uma gramática adulta abriram uma brecha na teoria por onde emergiu o paradoxo metodológico mencionado acima. Afinal de contas, “as aparências indicam que há um processo de aquisição que ocorre em tempo real”. (LOPES, 1999, p. 53). É nessa direção que o marcante e insistente retorno da criança real nos estudos aquisicionistas, com sua fala como empiria, provocou uma “problematização da relação do campo com a linguística”, conforme assinalou Maria Teresa Lemos (1995, p.185). Dito de outro modo, parece-nos que os estudos em aquisição de linguagem não puderam abrir mão da fala e de um corpo suposto no processo de elaboração teórica e dessa problematização resultou o abandono da proposta chomskiana e a aproximação à psicologia do desenvolvimento. Nesse embalo, os interacionismos de Piaget e Vygotsky compareceram como inspiração no campo da aquisição de linguagem da década de 70, abarcando uma grande diversidade de estudos (DE LEMOS, 1986; LEMOS, 1995; LIER-DEVITTO & CARVALHO, 2008).

---

A vertente em aquisição de linguagem que privilegiou o *input* linguístico e /ou a interação social, na medida em que aponta para a relação criança-adulto, ficou conhecida como sociointeracionismo. Na lógica do raciocínio sobre a relação entre corpo e linguagem, podemos dizer que nos interacionismos temos um corpo-organismo que com sua capacidade inicial de agir sobre o meio irá se apropriar do conhecimento linguístico e terá, assim, seu modo de funcionamento transformado por ele. Especificamente falando, o sociointeracionismo inaugurou a possibilidade de se refletir, sob o prisma da dialética, sobre o modo pelo qual a criança se torna um falante na interação com outro/adulto. A hipótese é a de que a atividade da criança no meio social permite a construção do conhecimento pragmático, o que facilitaria a apropriação do conhecimento semântico e sintático.

Não se chegou, no entanto, a explicar como em situações de comunicação e troca intersubjetiva, a ação do organismo transforma seu modo de funcionamento em linguagem, ao passo que a linguagem transforma o funcionamento do organismo em um nível superior (DE LEMOS, 1986). Nos trabalhos sociointeracionistas, o compromisso com a meta cronológica da psicologia e o apego a descrição gramatical dos dados da produção verbal infantil resultaram no apagamento daquilo que seria próprio da fala da criança, ou seja, dos contornos de uma fala que é caracteristicamente repleta de erros, imitações, repetições, equívocos e composições insólitas. (DE LEMOS, 1982; LIER-DEVITTO & FARIA, 2011). Com esse gesto redutor e adaptativo (i.e, a fala comprimida pelos aparatos linguísticos descritivos forjados em relação à língua constituída) a própria criança acabou novamente apagada da cena.

A relação entre corpo e linguagem toma uma dimensão radicalmente diferente no Interacionismo de base estruturalista que se desdobra das reflexões de De Lemos e colaboradores a partir da década de 90 (1992, 2002, 2006, entre outros). Ao suspender a interação regulada por aspectos pragmáticos colocados na relação dual (criança-adulto), De Lemos (1992) encontra o linguístico. Não com a teoria linguística que responde pelas descrições gramaticais, mas com aquela que permite ver aquilo que emerge como singular na fala da criança, aquilo que a descrição deixa escapar, o que fica à margem, à deriva: as repetições, o erro, produções insólitas - enfim, tudo o que marca a heterogeneidade e a singularidade da fala da criança.

A aposta na natureza linguística da fala da criança não permitiu que a interação fosse lida como comunicação, conexão intersubjetiva na qual o outro é

---

concebido como um indivíduo que atribui intenções e conhecimento à criança, e que, por sua vez, seria dotada de capacidades perceptuais necessárias para a apropriação do saber linguístico a partir da situação comunicativa. Segundo De Lemos, a interação com o outro é condição necessária para a aquisição de linguagem, mas o outro é “discurso ou instância de funcionamento da língua constituída” (1992, p. 128). Isso significa dizer que na relação dual, há um terceiro elemento que não pode ser negligenciado - há o funcionamento da língua ou, dito de outro modo, há um funcionamento estrutural que movimenta o jogo combinatório das unidades significantes presente na cadeia da fala do outro e que permeia sua possibilidade de interpretação da fala da criança. Interpretação aqui “consiste em submeter os significantes da criança a processos metafóricos e metonímicos, cujo efeito se reverte em uma ressignificação através das relações com outros significantes”<sup>4</sup>(DE LEMOS, 1992, p. 128).

Sendo assim, na perspectiva interacionista proposta por De Lemos, o outro não ensina a criança ou facilita seu acesso à linguagem, “ele fala com/por ela” (BELTRÃO & CARVALHO, 2008, p.83). Como afirma Faria (2002 *apud* Beltrão; Carvalho, 2008, p.83): “[no diálogo, o outro] [...] repete a criança e, ao fazê-lo, interpreta-a, isto é, coloca a sua fala em um texto, tirando-a da indeterminação original ao dar-lhe sustentação gramatical, semântica e textual”. Note-se que aqui interpretação é restrição e ressignificação, uma vez que o outro atribui forma e significado às produções da criança que são, muitas vezes, enigmáticas (FONSECA, 2002; BELTRÃO & CARVALHO, 2008). Com essa posição teórica, De Lemos rompe com as tradições anteriores: não é a criança detentora de um conhecimento linguístico prévio, nem é ela que se apropria da linguagem. A criança “é capturada pelo funcionamento linguístico-discursivo”, que lhe é logicamente anterior, a partir das “mudanças de [sua] posição relativamente à fala do outro, à língua e, em consequência, em relação à sua própria fala”, ao longo de sua trajetória na direção de tornar-se falante (DE LEMOS, 2002, p. 56, ênfases nossas).

---

<sup>4</sup> Nesse ponto, a autora parte de uma “releitura de Saussure em que se privilegiou a teoria do valor, o conceito de sistema [linguístico] como sistema de relações” (DE LEMOS, 2002, p. 51) para chegar à articulação língua-fala com Jakobson (1954). Esse autor ressignificou os eixos sintagmático e associativo propostos por Saussure como metonímico e metafórico e com isso chegou às leis de composição interna da linguagem. O processo metonímico espelharia a sequencialidade manifesta da cadeia da fala e o metafórico, a possibilidade de substituição de elementos em cada ponto de uma cadeia. Essas duas operações são solidárias: não há uma sem outra e ambas respondem pela produção do valor (CATRINI, 2005).



---

O percurso linguístico da criança em aquisição é concebido como processo de subjetivação (de transformação da criança em sujeito falante), que se configura como mudança de posição da criança em uma estrutura de três pólos: o pólo do outro (como instância representativa da língua), o pólo da língua (em seu funcionamento) e o pólo da própria criança (DE LEMOS, 2006). Como destacam Beltrão e Carvalho (2008), acompanhando Lier-DeVitto e Faria (2011, p. 27), “a mudança não é pensada pelo viés da cronologia (nos moldes sugeridos pela psicologia), mas tratada a partir de um raciocínio estruturalista”. Ou seja, não se trata de estágios a serem superados, mas sim de dominância de um pólo sobre outro. Desse modo, na primeira posição, observa-se a dominância da fala do outro em relação à fala da criança dada sua natureza fragmentária e dialogicamente dependente. Na segunda posição, se observa um distanciamento entre a fala do outro e da criança. Do ponto de vista empírico, se observa de maneira marcante a presença de erros na fala da criança e sua impermeabilidade à correção. Aqui, a dominância é da língua que coloca sob seu jogo combinatório os fragmentos antes incorporados da fala do outro. A criança, enquanto falante, encontra-se nesse momento submetida ao movimento da língua. Na terceira posição, a fala da criança alcança certa homogeneidade com relação à fala presente na comunidade a que pertence. Essa transformação da fala em relação à língua vem acompanhada da presença de pausas, reformulações e autocorreções - o que indicia uma mudança na condição de falante da criança, que agora pode escutar-se e mudar o rumo da própria fala, mesmo que isso não signifique sempre caminhar na direção esperada<sup>5</sup>. A criança fica sob efeito da própria fala, efeito de “diferenciação [entre a fala e a escuta] que diz respeito ao processo de subjetivação como ‘avesso’... outra face da moeda da objetivação da linguagem” (FONSECA, 2002, p. 188).

É importante dizer que, sob esse olhar, ao mesmo tempo em que uma língua se organiza e estrutura, um sujeito se constitui. Queremos dizer com isso que a aquisição de linguagem tomada como processo de subjetivação coloca em oposição diametral a proposta de De Lemos em relação a uma ideia desenvolvimentista. Nas palavras da autora (2000, p. 70):

Ainda que [as] três posições se manifestem no tempo cronológico, a mudança de uma para a outra não implica desenvolvimento. Qualificar mudança como mudança de posição em uma estrutura, à qual o adulto está

---

<sup>5</sup> De Lemos (2002) adverte que as tentativas de reformulação e correção podem acontecer mesmo em momentos não previstos ou necessários. Fato que nos impede de fazer qualquer aproximação ao desenvolvimento e exercício de capacidades metalinguísticas.

---

igualmente submetido, é incompatível com uma concepção da criança como um indivíduo, isto é, um ser uno e independente que transita por uma série ordenada de estados de conhecimento.

Convém destacar que o adulto está igualmente submetido à estrutura interacional que envolve a língua e a criança em processo de aquisição de linguagem. Nesse lugar, é a radicalidade da relação homem/linguagem que orienta o raciocínio e é isso o que o termo captura indica - “o atravessamento do corpo pelo linguístico na transformação: ‘do ouvir para o escutar e para o escutar-se<sup>6</sup> (DE LEMOS, 1995 *apud* FONSECA, 2002, p. 189).

Por essa via, a criança não comparece como organismo ou corpo biológico e nem como sujeito epistêmico ou psicológico, mas sim como corpo pulsional, que por ser “articulado na e pela linguagem demanda interpretação” (DE LEMOS, 2002, p. 64). Nessa concepção de corpo, temos declarada a aproximação do interacionismo em aquisição de linguagem à psicanálise. Diálogo entre campos que permitiu ver uma linguística afetada pelo fato de haver inconsciente, ou melhor, implicada com o fato de haver sujeito na língua. (FONSECA, 2002).

Como se pode observar, as teorias em aquisição de linguagem guardam entre si profundas diferenças, dentre as quais procuramos destacar a relação que estabelecem entre corpo e linguagem. Se, por um lado, a teoria behaviorista resume linguagem a comportamento aprendido e nessa direção não ultrapassa a noção de corpo como pura matéria orgânica, por outro lado, a abordagem inatista promove o resgate do linguístico por meio da biologização da linguagem, que passa a ser entendida como um estado da mente/cérebro humano. Nesta perspectiva, corpo é substrato orgânico e a linguagem remete a uma capacidade biológica/genética própria do ser humano, isto é, uma característica inata da espécie humana.

Já nas abordagens interacionistas ligadas à base epistemológica da psicologia do desenvolvimento, assume-se que a relação entre corpo e linguagem é de natureza dialética. Isso porque a ideia de interação é conceito central para pensar o desenvolvimento linguístico. No âmbito da visada que introduz o outro em interação com a criança, destaca-se a importância da habilidade comunicativa para a apropriação do conhecimento linguístico pelo organismo humano. Destaca-se, ainda, o peso desse conhecimento na produção

---

<sup>6</sup> Segundo Andrade (2005), ouvir remete a uma condição orgânica e escutar refere-se à relação de um sujeito à fala.

---

de transformações no próprio organismo. Nesse espaço teórico, a criança real e sua fala ganham lugar de destaque. No entanto, o apelo desenvolvimentista não permite que se veja o funcionamento da linguagem operando nos erros, hesitações e produções verbais estranhas que tornam tão singular a fala infantil, ou melhor, que a diferenciam da “fala adulta”.

Desse arcabouço de estudos interacionistas, o Interacionismo proposto por Cláudia de Lemos e colaboradores se destaca por assumir um compromisso teórico-metodológico com a singularidade da fala da criança em aquisição de linguagem. Há a recusa de aportes biológicos e/ou psicológicos para pensar as mudanças observadas no caminho percorrido pela criança de não falante a falante de uma língua. A ocorrência de repetições da fala do outro, de erros e combinações significantes insólitas num mesmo lapso de tempo conferem um caráter enigmático à fala infantil e são tomados como fenômenos que iluminam a articulação dos processos de objetivação da linguagem e de constituição subjetiva. Nesse passo, parte-se da premissa de que o sujeito é efeito da linguagem, ao tempo em que a própria linguagem não pode ser concebida como deslocada/fora do sujeito. O eixo da teoria remete, assim, a articulação entre língua-fala-falante. Aqui a concepção de corpo ultrapassa a lógica orgânica e a relação sujeito-objeto é invertida, uma vez que se concebe “a criança como capturada por um funcionamento linguístico-discursivo que não só a significa como lhe permite significar outra coisa, para além do que a significou” (DE LEMOS, 2002, p. 55).

Sabemos que os paradigmas presentes nessas teorias ressoam no campo das disciplinas que respondem por ações práticas relacionadas à infância e à linguagem, tais como a educação e a fonoaudiologia. Na prática clínica fonoaudiológica, abordagens clínicas fazem refletir as diferenças de base epistemológica presentes nas teorias de aquisição de linguagem (PALLADINO, 2004).

É certo que a fonoaudiologia precisa dialogar com a ciência da linguagem e suas nuances no campo da aquisição de fato trazem importantes fundamentos para se refletir sobre quando os passos da criança nesse processo descarrilam. No entanto, diferenças precisam ser guardadas para que não se acabe no que Lier-DeVitto (2006) chamou de um “mau encontro” entre a fonoaudiologia e a linguística. Para a autora, na terapia de linguagem, em que o objeto é a linguagem, com frequência há um apagamento do linguístico. Principalmente na chamada fonoaudiologia tradicional, há

---

uma desarticulação entre o objeto e o sujeito: nas avaliações, fica ‘de fora’ o corpo-falante [testes são convocados a revelar o déficit na fala em relação ao ideal da gramática]; na clínica, fica ‘de fora’ o objeto, [ou melhor a própria linguagem, uma vez que se preconiza a aplicação de exercícios e treinos com vistas à reorganização neuronal e/ou adaptação do comportamento] (LIER-DEVITTO, 2006, p. 195).

Parece importante dizer, nesse momento, que pensar a relação do corpo com a linguagem é deslocar a fonoaudiologia do apelo à linguística por um referencial instrumental para avaliar o que está deficitário na linguagem, o sintoma na fala enquanto déficit na matéria orgânica (LIER-DEVITTO, 2001). Neste trabalho, tomamos como referência o modo de aproximação à linguística realizado por pesquisadores, fonoaudiólogos e linguistas, pertencentes ao grupo de pesquisa “Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem” (CNPq/LAEL/PUCSP). Junto a esses pesquisadores, assumimos o diálogo teórico com o Interacionismo em Aquisição de Linguagem (De Lemos, 1992, 2002, 2006, entre outros), a partir do qual as noções de outro, interação, interpretação e mudança - essenciais à teoria interacionista em aquisição de linguagem - puderam ganhar contornos distintos no campo clínico: outro é o terapeuta, erro é sintoma, interação é relação clínica (LIER-DEVITTO, 2006).

Na direção desse diálogo, o corpo também é ponto de reflexão para um clínico de linguagem. Clínicos de linguagem atestam que sintomas na fala levantam com frequência uma questão sobre a relação entre o corpo e linguagem (FONSECA, 2002, 2009; VASCONCELLOS, 1999, 2010, 2017; CATRINI, 2011; CATRINI, LIER-DEVITTO & ARANTES, 2015). As ditas “falas desviantes” problematizam o dualismo corpo e mente, problema evidenciado na fala faltante de um sujeito “que nada pode fazer para mudar esta condição que se faz presente no corpo da fala” (LIER-DEVITTO, 1999, 2000, 2003, 2006).

Com base nos pressupostos teóricos do Interacionismo em Aquisição de Linguagem, pensar a vinculação entre corpo e linguagem é implicar a língua, com sua ordem própria de funcionamento e anterioridade lógica em relação ao sujeito (DE LEMOS, 1992, 2002), na medida em que se entende que o que faz o corpo falar é uma língua falada por outros. Nisso, a noção de captura presente no Interacionismo aponta para a clínica que não há corpo sem linguagem, que não há uma linha divisória entre o organismo e o corpo-falante. Como Vasconcelos (2006) destaca ao relatar casos de crianças vítimas de paralisia cerebral, para além do corpo biológico, orgânico, somos “corpo-linguagem”.

---

Isto é, somos o corpo que é enlaçado pela linguagem e que impede a redução do sujeito ao organismo.

Assim, buscar entender a relação sujeito e organismo é uma questão fundamental para a prática clínica do fonoaudiólogo que lida com as patologias de linguagem. Não é sem razão que, mesmo no interior da medicina, Canguilhem (2015, p. 142) tenha nos advertido de que se *“deve olhar para além do corpo-organismo para julgar o que é normal ou patológico para esse mesmo corpo”*. No caso dos sintomas na linguagem<sup>7</sup>, é preciso compreender os impasses da relação outro-criança-língua na determinação da condição clínica. Nas palavras de Lier-DeVitto (2006), sintomas na linguagem envolvem sofrimento e por isso levam o sujeito à clínica. Entretanto, para que mudanças possam ser alcançadas, é preciso o exame cuidadoso do modo de relação que o sujeito estabelece com a própria fala e a fala do outro, uma vez que da noção de sintoma participam o ouvinte que *não deixa passar uma diferença e o falante que não pode passar a outra coisa*.

Embora a visão hegemônica no campo da fonoaudiologia faça prevalecer uma separação entre corpo e linguagem e que se reivindique, a partir daí e sob premissas da neuroplasticidade, uma primazia do corpo biológico, a experiência clínica no campo das patologias de linguagem demonstra que as limitações orgânicas não são impeditivas e não apagam as singularidades do corpo que fala. Assim, mesmo em condições sintomáticas de linguagem que envolvem prejuízos orgânicos atestáveis, como nas afasias, apraxias e paralisias cerebrais, o que se vê é sempre algo da ordem de um *“excesso que transborda, inclusive, do silêncio verbal de um sujeito, em expressão mínima - num olhar, num pequeno gesto, num choro, num sorriso”* (LIER-DEVITTO, 2003; VASCONCELLOS, 1999, 2017). Esse fato nos mostra que o corpo do ser que fala não se reduz ao seu substrato orgânico (CATRINI, LIER-DEVITTO & ARANTES, 2015) e que problematizar a relação entre corpo e linguagem é avançar nas discussões sobre o fazer e estar na clínica fonoaudiológica com linguagem, o que esperamos ter fomentado neste artigo a partir de uma aproximação cuidadosa às teorias de aquisição de linguagem.

---

<sup>7</sup> Condições sintomáticas de linguagem se manifestam nos diversos modos de enunciação: na fala, escrita, leitura, gestos, mas de maneira ampla podemos dizer que são manifestações desconcertantes que colocam o falante diante de uma falta/falha que ele nada pode fazer superar.

---

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Lourdes. Considerações sobre a escuta na Clínica de Linguagem. *Cad.Est.Ling.*, Campinas, 47(1) e (2), p. 167-174, 2005.
- BELTRÃO, Fernanda Rabelo de Carvalho; CARVALHO, Glória Maria Monteiro de. *A singularidade do papel do outro na aquisição de linguagem de crianças abrigadas*. Psicologia: Teoria e Prática, p. 79-94, 2008.
- CATRINI, Melissa. *A marca do caso: singularidade e clínica de linguagem*. 2005. 100f. (Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- \_\_\_\_\_. *Apraxia: A complexa relação entre corpo e linguagem*. 2011. 136f. (Tese de doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- \_\_\_\_\_. LIER-DE VITTO, Francisca. ARANTES, Lúcia. Apraxias: considerações sobre o corpo e suas manifestações motoras inesperadas. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, Jul./Dez. 2015.
- CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 7ª ed., 2015.
- CHOMSKY, Noam. Of Minds and Language. *Biolinguistics*, v. 1, p. 9-27, 2007.
- DE LEMOS, Cláudia Thereza Guimarães. Sobre aquisição de linguagem e seu dilema (pecado) original. *Boletim da Abralin*, Recife, v. 3, p. 97-126, Set/1982.
- \_\_\_\_\_. Interacionismo e aquisição de linguagem. *Delta*, São Paulo, v. 2, n°2, p. 231-248, 1986.
- \_\_\_\_\_. Los Procesos Metafóricos Y Metonímicos como Mecanismos de Cambio, In: *Substratum*, vol.1, n.1, Barcelona: Melder, p. 121-135, 1992.
- \_\_\_\_\_. A criança com(o) ponto de interrogação. LAMPRECHT, Regina Ritter (org.) *Aquisição de Linguagem. Questões e Análises*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 39-50.
- \_\_\_\_\_. Desenvolvimento da linguagem e processo de subjetivação. *Interações*, São Paulo, vol. 5, n°. 10, julh/dez, p. 53-72, 2000.
- \_\_\_\_\_. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, p. 41-69, Jan./Jun. 2002.
- \_\_\_\_\_. Uma crítica (radical) a noção de desenvolvimento em Aquisição de Linguagem. In: LIER-DE VITTO, M. F; ARANTES, L. (orgs.). *Aquisição, patologias e clínica de linguagem*. São Paulo, FAPESP, Ed. PUCSP, 2006.
- FARIA, Núbia. *A difícil aritmética do corpo e da linguagem: reflexões sobre o input e a aquisição de linguagem*. 2001. (Tese de Doutorado em Linguística – Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística) - UFAL, Maceió, Alagoas.
- \_\_\_\_\_. A difícil aritmética do corpo e da linguagem: reflexões sobre o *input* e a aquisição de linguagem. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, p. 69-81, 2005.

---

FONSECA, Suzana. *O Afásico na clínica de Linguagem*. 2002. 264f. (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Inédito.

\_\_\_\_\_. A Clínica de Linguagem com Afásicos. In: Mancopes, R.; Santana, A. P. (org.) *Perspectivas na Clínica das Afasias: O Sujeito e o Discurso*. 1ª ed. São Paulo: Livraria Santos Editora, 2009, v. 1, p. 41-70.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*, São Paulo: Cultrix, 1954.

LEMOS, Maria Tereza Guimarães de. *A fala da Criança como interpretação: uma análise das teorias de aquisição*. EDIPUCRS, Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 30, nº 4, p. 181-187, dezembro, 1995.

LIER-DE VITTO, Maria Francisca. Theory as ideology in the approach to deviant linguistic facts. In: JEF VERSCHEREN (ed) *Language and Ideology*, p. 344-352, Antuérpia, IPRA & Authors, 1999.

\_\_\_\_\_. *As Margens da Linguística*. Relatório de bolsa produtiva em pesquisa (CNPq.), 2000.

\_\_\_\_\_. Sobre o sintoma: déficit de linguagem, efeito da fala no outro, ou ainda ...? *Letras de hoje*, Porto Alegre: EDIPUCRS, v.36, nº 3, p. 245-253, 2001.

\_\_\_\_\_. Patologias da Linguagem: subversão posta em ato. In: LEITE, N. (org.) *Corporeolinguagem; gestos e afetos*. 1 ed. Campinas, v. 1, 2003, p. 233-246.

\_\_\_\_\_. Patologias da linguagem: sobre as “vicissitudes de falas sintomáticas”. In: LIER-DE VITTO, Maria Francisca; ARANTES, Lúcia. (orgs.). *Aquisição, patologias e clínica de linguagem*. São Paulo, FAPESP, Ed. PUCSP, 2006.

\_\_\_\_\_; CARVALHO, Glória Maria. O Interacionismo: uma teorização sobre a aquisição da linguagem. In: QUADROS, Ronice. Muller; FINGER, Ingrid. *Teorias de aquisição da linguagem*. Florianópolis: Editora da UFSC, p. 115-146, 2008.

\_\_\_\_\_; FARIA, Viviane Orlandi. *É tempo de palavra*. Mente e Cérebro, São Paulo, v. 3, 3ºed., p. 36- 39, 2011.

LOPES, Ruth Elisabeth Vasconcellos. O que a criança não nos diz - O lugar da empiria no modelo chomskiano. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 30, nº 4, p. 83-89, 1995.

\_\_\_\_\_. *Uma proposta Minimalista para o processo de aquisição da linguagem: relações locais*. 1999. 188f. (Tese de Doutorado em Linguística) Universidade de Campinas.

PALLADINO, Ruth Ramalho Ruivo. Desenvolvimento da Linguagem. In: FERREIRA, L. L. *Tratado de Fonoaudiologia*. São Paulo, Roca, 2004.

VASCONCELLOS, Roseli. *Paralisia Cerebral: a fala da escrita*. 1999. 128f. (Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

\_\_\_\_\_. Fala, escuta, escrita: a relação sujeito-linguagem no caso de uma criança com paralisia cerebral que não oraliza. In: LIER-DE VITTO, M. F; ARANTES, L. (orgs.). *Aquisição, patologias e clínica de linguagem*. São Paulo, FAPESP, Ed. PUCSP, 2006.

---

\_\_\_\_\_. *Organismo e Sujeito: uma diferença sensível nas paralisias cerebrais*. 2010. 130f. (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

\_\_\_\_\_. Efeitos da clínica de linguagem em casos de sujeitos com paralisia cerebral. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, p. 1- 33, 2017

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 15 de novembro de 2017.

Aprovado em sistema duplo cego em: 29 de dezembro de 2017.